

«A rainha das histórias de amor  
que aquecem a alma.»

# Jill Mansell

O segredo mais  
bem guardado  
é o amor.

Na Praia  
dos Corações  
Desencontrados

TOP  
SEL  
LER

*Para a Tina, com todo o meu amor*

# Capítulo 1

**P**or vezes, basta uma fração de segundo para que um estado de calma absoluta passe ao terror e ao pânico.

— Ai, coitadito.

Clemency virou-se para ver um homem de negócios de cara arroxeada, num fato justíssimo, que se dirigia em passo rápido pelo corredor do aeroporto de Málaga até às portas de embarque, a ofegar e a grunhir e a enxotar crianças pequenas pelo caminho.

A inglesa que trabalhava na banca *duty-free* da Chanel comentou:

— Sinceramente, é espantosa a quantidade de gente que nem se rala a ler os quadros. Ontem, um grupo de 15 espanhóis num dos bares estava tão entretido a ver um jogo de futebol na televisão, que acabou por perder o voo. Imagine-se!

— É de loucos — disse Clemency, abismada, experimentando uma sombra de olhos roxa, com purpurinas douradas, nas costas da mão. *Gira*.

— Oh, aqui vemos de tudo. Há tanta gente que só aparece no aeroporto quando as portas do avião estão prestes a fechar-se.

— Eu não conseguia fazer isso. Gosto sempre de ter montes de tempo. Assim sei que posso descontraír-me mesmo — disse Clemency alegremente — e passar séculos no *duty-free*, a experimentar a maquilhagem.

Por isso, tinham passado mais 40 minutos, antes de ela chegar finalmente à caixa, para pagar o batom novo que escolhera, porque

aquelas coisas demoravam tempo e era importante escolher o batom perfeito.

A empregada, com ar entediado, perguntou:

— Posso ver o cartão de embarque, se faz favor?

Clemency olhou para a mão esquerda, onde devia ter o passaporte, com o cartão de embarque lá dentro.

Olhou para a mão e viu que, antes pelo contrário, tinha uma mão cheia de papelinhos de amostras de perfume, cada qual pulverizado com um aroma diferente.

Foi nesse momento que a calma absoluta se transformou em terror e em pânico.

— Mesmo a tempo — disse a assistente, quando Clemency apareceu a correr no balcão das partidas. — Estávamos para fechar a porta!

Clemency não conseguia falar. Só lhe apetecia cair de joelhos e sorver ar nos pulmões que ardiam, mas não havia tempo; já a levavam pelas portas deslizantes e pela pista de alcatrão fora, rumo ao avião que esperava. A mala batia-lhe nos tornozelos, a transpiração corria-lhe pela espinha, ela sentia a boca seca e subiu com esforço os degraus de metal, ainda com falta de ar. Oh, Deus, só lhe restava imaginar a cor que teria na cara. Devia estar *púrpura*.

O assistente de bordo cumprimentou-a com uma piscadela de olho.

— Ora ainda bem que veio ter connosco. Bem-vinda a bordo.

Sabem aquele pequeno assomo de triunfo interior, quando se está num avião cheio até acima, toda a gente já embarcou, e o lugar ao lado do teu está vazio, como que por magia... até que, no último momento, por uma unha negra, aparece alguém e, afinal, já não vais ter o luxo de um lugar vazio ao teu lado?

Clemency sabia que era esse o sentimento do passageiro que ocupava o lugar número 45A. Ela encaminhou-se para o 45B e quase ouviu o baque de desapontamento e o suspiro de resignação.

Enfim. As esperanças dele podiam ter sido cruelmente esmagadas, mas a vantagem era que tinha umas lindas maçãs do rosto e uma boca belíssima. No voo até ali, o homem que viera a seu lado pesava quase

o mesmo que o avião, e passara o tempo a enfardar sandes de atum, pelo que aquele até agora era uma grande melhoria.

Ainda a recobrar o fôlego, Clemency fez-lhe um grande sorriso.

— Eu sei, desculpe, eu também ficaria desapontada.

Era a deixa do homem para que descontraísse, para que reparasse que, no que tocava a vizinhos de lugar, podia sair-se muitíssimo pior, e podia até oferecer-se galantemente para lhe guardar a mala pesada no compartimento por cima dos assentos.

Só que tal não aconteceu. Antes pelo contrário, ele acusou a presença dela com o mais ínfimo aceno de cabeça, antes de voltar a atenção para o telemóvel que tinha na mão.

Por outro lado, ela também já tinha tido melhor aspeto. Talvez uma rapariga de 25 anos, corada e transpirada e arquejante, não fosse o tipo dele.

Mala guardada e compartimento fechado, Clemency deixou-se cair no assento, limpou a cara e as mãos com um lenço de papel e examinou o pé esquerdo, onde as rodas do trólei tinham batido repetidamente no tornozelo. Exalou ruidosamente.

— Não posso crer que quase perdia o avião! Dou *sempre* montes de tempo para que nada corra mal. Ao fim de tantos anos, nunca me tinha acontecido... mas calculo que alguma coisa possa sempre correr mal. Como hoje. Não dá para imaginar como me senti quando... hum...

A voz sumiu-se de humilhação quando Clemency se apercebeu de que o homem estava decidido a não lhe ligar nenhuma. Nada, nem um vislumbre; era evidente que não estava *nada* interessado.

Até podia ter uma boca belíssima e umas lindas maçãs do rosto, mas não fazia tenções de meter conversa com a estranha a seu lado.

Pronto. Clemency pegou ostensivamente no seu telemóvel e começou a ver as mensagens. *Porque, olha só para mim, também sou importante e estou atarefadíssima.*

Meia hora depois, quando já voavam a 11 000 metros de altitude por cima dos Pirenéus, duas assistentes de bordo passaram com o carrinho das bebidas, e o companheiro de viagem tirou os auriculares para falar com elas.

— Não posso crer. — Clemency riu-se da própria estupidez. — Sou tão idiota!

O homem virou-se para ela.

— Perdão?

— Você! Essas coisas! — Ela apontou para os auriculares que ele tinha na mão. — Há pouco meti-me consigo e você não me ligou nenhuma, e parei de falar porque achei que não queria ser incomodado. Não via os cabos daqui, por causa da maneira como está sentado, e o colarinho escondia-os. Mas não posso crer não ter percebido que não me ligou nenhuma por ter os auriculares. — Tontinha de alívio, acrescentou: — Bem, acho que também entrei toda alterada, quase perdia o avião... parecia que tinha o cérebro passado na picadora... Ai, credo, soa assim um bocadinho...

— Vinho tinto, se faz favor — disse o homem à assistente de bordo loura.

— Com certeza. E a senhora? Deseja uma bebida do carrinho?

Era grátis. Vinho à borla! Quem é que recusaria? Só que Clemency já tinha observado, em várias ocasiões, várias pessoas a recusarem, sabe-se lá por que razões. Ora, ela é que não, e disse:

— Queria vinho branco, se faz favor. Oh... está fresco? — Porque, às vezes, não estava.

A assistente de bordo franziu o nariz com ar cúmplice e respondeu:

— Não muito, parece-me.

— Então quero tinto. — Clemency sorriu. — Não há nada pior do que vinho branco morno. — Logo a seguir, ao ver que o companheiro de viagem ia pôr os auriculares outra vez, acrescentou: — Acho que mereço um copo, para festejar não ter perdido o voo!

— Faça favor. — A assistente de bordo passou-lhes as garrafinhas e copos de plástico, e também duas embalagens de bolachas de queijo, das dimensões que normalmente se encontram nos aviões.

— Lindo. Obrigada. — Clemency encheu o copo, ergueu-o na direção do homem a seu lado e disse: — Saúde!

— Saúde — murmurou o homem, antes de olhar para o telemóvel.

Por vezes, convencer alguém a fazer conversa contra vontade era uma espécie de desafio pessoal. Antes que ele se ligasse outra vez à música, Clemency perguntou animadamente:

— Sabe sempre bem beber um copo de vinho num avião, não é?

— Sabe — respondeu, olhando ostensivamente pela janela.

— Eu não cheguei tarde ao aeroporto, sabe — disse Clemency. — Tinha montes de tempo, e por isso passei séculos no *duty-free*, e só quando cheguei à caixa é que percebi que tinha posto o passaporte algures, e não me conseguia lembrar de onde. — Ela fechou a mão livre e levou-a ao peito, com essa lembrança péssima. — O meu coração mais parecia um comboio, tentava perguntar onde é que o teria deixado, toda a gente na fila atrás de mim aborrecida, porque só queriam pagar as compras...

Pela segunda vez, a voz de Clemency sumiu-se, para dar hipótese ao homem de alinhar e perguntar: «E o que é que aconteceu depois?»

Antes pelo contrário, após um silêncio confrangedor que parecia durar mais do que o ciclo do *Anel* de Wagner, ele retorquiu:

— Mas encontrou.

— Sim, encontrei. — Clemency assentiu e olhou para os auriculares que ele ansiava claramente por voltar a pôr nos ouvidos. Com o cuidado de rebater a bandeja para se levantar, antes de a baixar outra vez para pousar o copo de vinho, ela disse: — Com licença. — E fugiu pela coxia fora.

Que vergonha! Passa-se uma vida a pensar que se é uma ótima companheira de viagem — o tipo de pessoa com quem toda a gente gosta de estar sentada — e afinal percebe-se que, se calhar, não. Até se pode, de facto, ser o tipo de pessoa irritante com quem as outras pessoas têm *pavor* de ficar.

Assim repreendida, Clemency viu-se ao espelho do pequeníssimo lavatório na casa de banho. Que descoberta mortificante de se fazer. Coitado do homem, presumivelmente cheio de vontade de que ela se calasse e o deixasse em paz, em vez de tagarelar sobre o estúpido do passaporte... Pronto, não diria nem mais uma palavra doravante, nem sequer olharia para ele.

Lição aprendida.

Saiu da casa de banho e seguiu pela coxia. O homem no lugar ao lado do seu olhava pela janela, para as grandes extensões de nuvens que os rodeavam.

Clemency pegou no copo de vinho para rebater a bandeja e sentar-se outra vez, e ele virou-se e perguntou:

— Quer que lhe segure no copo?

*Parem tudo. Ele fala!*

Ora, ela não fazia tenções de fugir à palavra dada a si mesma. Com um pequeníssimo aceno de cabeça, como quem diz «não, obrigada», ela pôs a mala de mão no chão à sua frente, foi levantar a bandeja para...

Ups...

O safanão do avião foi repentino e dramático, suscitou gritinhos de vários passageiros nervosos. Depois de ser levada para um lado e embarter no assento da frente, Clemency fez ricochete para trás e sentiu, mais do que viu, o recheio do copo bater-lhe no peito.

O avião endireitou-se, os gritos e o pânico amainaram, voltou a ordem. A partir do *cockpit*, o piloto anunciou simpaticamente pelos altifalantes:

— Pedimos desculpa pela ligeira turbulência, senhoras e senhores. Se puderem ficar todos sentados nos próximos minutos, com os cintos apertados, vamos só garantir que não há mais surpresas.

Clemency olhou para o top de algodão rendado amarelo-pálido, liberalmente salpicado com vinho tinto. As nódoas já alastravam, já se fundiam numa única mancha, imensa e púrpura, na parte da frente. Claro que era uma das suas peças de roupa favoritas, porque era mesmo de prever, não era? Nunca se entorna nada quando se usa uma t-shirt velha e a cair de podre.

— Ai, coitada — disse uma das assistentes de bordo, que vinha pela coxia à pressa para ver se toda a gente tinha o cinto apertado. — Sente-se.

— Oh, céus — disse o homem, quando ela se sentou ao lado.

Clemency olhou para ele; não tinha os auriculares. Ela encolheu os ombros ligeiramente e sentiu o tecido molhado e frio na pele. *Brrr*.

— Aposto que agora preferia ter ficado com o vinho branco morno.

Aquilo mais parecia um filme mudo cómico. Clemency ergueu a mão num gesto de descaso e tirou da bolsa do assento da frente a interessantíssima revista da companhia aérea. Era altura de ler sobre as deslumbrantes atrações turísticas de Málaga.

— Não vai... falar comigo?

Ah, então ele tinha reparado. Ela virou-se para o mirar, uma sobrançelha erguida em interrogação.

— Como?

— Está a fazer de propósito para me ignorar, porque acha que também fiz de propósito para a ignorar? — A voz dele soava à de alguém que se está a divertir.



— De todo — respondeu Clemency. — Só achei que preferia não ser incomodado. Estava a respeitar os seus beijos.

Queria dizer «desejos».

*Oh, Deus...*

— Estava respeitar os meus quê? — Os cantos da boca dele agora curvavam-se. — Os meus *beijos*?

— Desejos.

— Mas disse beijos.

— Ia dizer que respeitava os seus limites pessoais — disse Clemency — mas, visto que estamos sentados ao lado um do outro, decidi-me por desejos.

— Mas foi um lapso, não foi? — Ele assentiu com a cabeça. — Beijos soa-me bem.

Num mundo ideal, ela sacaria dos seus próprios auriculares para os pôr nos ouvidos. Porém, tinha os auriculares na mala grande que estava no porão. Assim sendo, só disse: «Ótimo», e voltou à revista.

— Isso quer dizer que vai ignorar-me outra vez?

Quando ela voltou a olhar para ele, viu que sorria. Com aquela boca belíssima.

— Como é isso? Não faz mal que não fale comigo, mas eu já não posso não falar consigo?

Ele inclinou a cabeça e respondeu num tom seríssimo.

— Lamento e peço desculpa. Não tinha intenção de ser mal-educado, mas vejo que fui. Agora sinto-me mesmo culpado. Posso, no mínimo, oferecer-lhe metade da minha bebida? — Ele ainda não se tinha servido; o vinho ainda estava todo na garrafinha. Como ela hesitava, ele apontou para o top manchado e perguntou: — Mais vale arriscar, o que mais poderá acontecer?

Clemency segurou no copo vazio.

— Bem, o avião pode despenhar-se.

Por vezes — e apenas às vezes —, decide-se que não se gosta realmente de alguém, e depois baralham-nos quando essas pessoas se revelam um milhão de vezes mais simpáticas do que se era de esperar.

Chamava-se Sam, morava em Londres, era dono e gestor de uma empresa de tecnologias de informação, o que implicava muitas viagens na

Europa a visitar clientes. Assim que se acendeu o sinal para desapertar os cintos de segurança, ele apontou para o top de Clemency e disse:

— Se puser isso de molho antes de o vinho secar, talvez se possa salvar, não é? Tem alguma muda de roupa?

Ela abanou a cabeça.

— Tenho tudo na mala grande. Não faz mal.

Sam debruçou-se e abriu a mala que guardara por baixo do banco da frente. Tirou uma camisola azul-marinho de decote em V e deu-lha.

— Pode vestir isto. Não se preocupe, está lavada. Leve o seu top à casa de banho e talvez consiga remediar alguma coisa.

A camisola era incrivelmente macia. Também cheirava divinamente, descobriu Clemency pouco depois, na casa de banho, quando a enfiou pela cabeça e arregaçou as mangas para lavar o top amarelo no lavatório.

— Então? — perguntou Sam quando ela voltou.

Clemency largou o top torcido no saco que ele segurava e guardou-o debaixo do assento.

— Acho que não dá para salvar, mas veremos. Obrigada por me emprestar a sua camisola. — O aroma da lã macia era inebriante; a sério, ela só queria enterrar o nariz nela. Só que não iria parecer bem.

Sam falou num tom bem-disposto.

— Não há problema, e fica-lhe bem.

— Assim que recuperarmos a bagagem, poderei mudar de roupa. — Clemency afagou a lã. — Mas é linda. Sabe, uma vez quase morri de morte horrenda por causa de uma camisola assim.

— Como assim? — Sam parecia intrigado, e ela bebeu um golinho do vinho dos dois.

— Era da minha irmã e vesti-a sem lha pedir. Apanhou-me com ela e tentou tirar-me, e acabei pendurada na janela do quarto, com as mangas enroladas ao pescoço.

Sam riu-se.

— Nesse caso, prometo que não vou tentar tirar-lhe a minha.

— Que alívio. — Clemency teve um breve vislumbre desse cenário e achou que até poderia ser empolgante. *Ai, ai.*

— E que idade tinha quando isso aconteceu?

— Foi na semana passada. — Ela esperou e sorriu. — Não, já passámos a fase das zangas. Foi quando tínhamos 16 anos.

Sam ergueu as sobrancelhas.

— Tinham as duas 16 anos? Então são gémeas?

Agora que estavam virados um para o outro, e a conversar como deve ser, ela viu, de perto, que os olhos dele eram castanhos com centelhas douradas que irradiavam do centro, e um anel negro à volta de cada íris. As pestanas também eram pretas. Havia leves sombras violáceas debaixo dos olhos dele, e tinha um sinal na têmpora direita. Quanto à boca... bem, continuava belíssima.

Aliás, mais bela a cada minuto que passava.

## Capítulo 2

**B**em, concentra-te. Sam tinha feito uma pergunta e ela não podia ficar ali sentada a olhar para ele, boquiaberta, deslumbrada com a cara dele.

— Não somos gémeas. — Clemency recompôs-se. — Bem, nem sequer somos irmãs, somos só emprestadas.

— Ah. — Sam percebeu o tom pesaroso dela e perguntou: — E qual é a mais velha?

— A Belle. Dois meses, coisa que ela nunca, *jamais*, me deixa esquecer. Aparentemente, faz imensa diferença.

— Posso imaginar. Que idade tinham quando os vossos pais se juntaram?

— Quinze. Provavelmente agora parece engraçado, mas não pode imaginar o trauma que foi na altura. — Clemency abanou a cabeça. — Já nos conhecíamos, andávamos na mesma escola. Éramos muito diferentes e não nos dávamos nada bem. A Belle era perfeita e organizada, e bastante exibicionista, porque o pai era multimilionário e ela tivera sempre tudo o que queria. Ao passo que eu e a minha mãe vivíamos num apartamento arrendado, por cima de um restaurante de *fish and chips*, onde a minha mãe trabalhava 60 horas por semana. — Ela sorriu quando o disse, porque, no dia anterior, em casa da mãe e do padrasto, uma moradia gloriosa nos arredores de Málaga, tinham falado a brincar dos «anos de *fish and chips*».

Sam disse secamente:

— Compreendo porque foi confrangedor.

— Nem me fale. A Belle tinha uma piscina enorme nas traseiras do jardim. O mais parecido que tínhamos com um jardim era a floreira da janela. O pai tinha um *Bentley Continental* azul-pálido. A minha mãe tinha um *Ford Fiesta* ferrugento. A Belle gozava com a minha roupa, eu e as minhas amigas gozávamos com ela e com as amigas dela. Nisto, um belo dia, a minha mãe teve uma conversa comigo, em como namorava em segredo há seis meses, e as coisas estavam a ficar sérias. Fiquei *encantada* por ela, porque há anos que desejava que ela conhecesse alguém simpático. Não compreendi porque é que nunca tinha falado nisso. — Clemency fez uma pausa. — Até me dizer com quem é que namorava. Nisso é que não consegui acreditar. Nem a Belle, obviamente, mas, por uma vez na vida, não consegui levar a sua avante, nem impedir. Ambas rezávamos para que eles percebessem o erro crasso que estavam a cometer e acabassem, para que tudo voltasse à normalidade. Mas não aconteceu, porque eles estavam mesmo apaixonados. Quando demos por isso, anunciaram que se iam casar. Estou a aborrecê-lo?

Ele sobressaltou-se.

— O quê? Não!

— Está bem, era só para saber. — Depois da última vez, ela estava desconfiada. — Já antes o aborreci. Não quero repetir.

Sam abanou a cabeça.

— A sério, não foi a Clemency, fui eu. Agora estou cativado. Intrigado. — Fez um gesto com a mão esquerda. — Queira prosseguir. Não pode parar agora.

A voz dele, belissimamente modulada, mas não afetada, era do género que nunca quer parar de se ouvir. Ainda melhor, agora que deixara de ser completamente indiferente, a voz era quente e cúmplice, com um toque de humor. Clemency sentiu-se ficar caidinha por ele; estaria tão interessado nela como ela estava nele? Era muito cedo para tirar conclusões, mas a ligeira possibilidade já lhe provocava arrepios de expectativa.

— Bem, toda a gente na escola achou hilariante, mas eu e a Belle estávamos mortificadas. A Belle, furibunda, porque se convencera de que a minha mãe só se casava com o pai dela por dinheiro. Isto deu comigo

em doida, porque sabia que a minha mãe não era assim. Bastava vê-los juntos para perceber que eram felizes. — Ela encolheu os ombros. — E, pronto, acabámos por ter de ser damas de honor, com vestidos iguais, e foi uma risota. Depois do copo de água, eu e a minha mãe saímos do apartamento e mudámo-nos para a mansão com piscina no jardim e um *Bentley* na garagem. Para não falar na irmã emprestada e melindrosa que se passava sempre que eu vestia a roupa dela.

— E, isso, deixe-me adivinhar, só aumentava a graça.

— Pois claro que sim! Porque era empolgante quando me safava. Quem é que resiste a um desafio assim? A roupa dela era muito mais cara do que a minha — acrescentou Clemency. — Ainda melhor.

— Então tinham... 16 anos? As duas na escola? Não recebiam o mesmo dinheiro para comprar roupa?

— Oh, sim, recebíamos. O pai dela insistia. Recebíamos a mesma mesada, mas, naquela idade, eu andava numa onda de surf, gastava o dinheiro todo em fatos, almofadas de tração e cera para a prancha. Fora de água, tudo o que eu usava vinha de lojas de caridade. — Ela sorriu. — Ou seja, a Belle preferia andar nua em pelo do que usar a minha roupa pavorosa. Assim, eu ficava a ganhar.

Sam perguntou:

— E também gostavam de bater uma na outra?

*A-ha, ele sabia!*

— Um pouco. Às vezes. Eu mais do que ela — admitiu Clemency. — Como nós éramos as intrusas que se tinham mudado para a casa dela. Dá para compreender, acho eu. E foi só durante dois anos, antes de irmos para a faculdade. Então e tu, Sam? Vives sozinho?

Pronto, talvez não fosse a maneira mais subtil de fazer a pergunta, o que também justificaria o breve momento de hesitação, antes de Sam responder:

— Sim, sozinho. — Bebeu um golinho antes de continuar. — Mas devias ter visto a casa que dividi com mais seis estudantes, quando estava na faculdade. Aliás, agradece à tua estrelinha não teres visto. Aquilo era um perigo biológico. Na casa de banho cresciam cogumelos a sério.

Clemency sentiu-se espreitar como uma suricata.

— Nós tivemos água a pingar de um candeeiro na sala durante meses.

— Nós fazíamos concursos a ver quem devorava mais comida fora de prazo. — Sam abanou a cabeça, ao recordar-se do nojo que era.

— Uma vez encontrámos um rato morto no frigorífico.

Ele sorriu.

— És muito competitiva, não é?

— Classifica a tua competitividade — disse logo Clemency. — De um a dez.

— Nove — respondeu Sam.

— Onze. — Ela sorriu. — Vês? Ganhei.

Passaram o voo até Inglaterra a conversar sem parar. Abriram-se mais duas garrafinhas de tinto e Clemency sentiu que a ligação se aprofundava. Havia uma química inegável entre ambos; a princípio ela pensara que seria só da sua parte, mas agora tinha praticamente a certeza de que era recíproca. Quando somos alvo de tanta atenção e a faísca entre os dois é quase palpável, fica quase tudo dito.

E que bela conversa, passando de um assunto a outro, das aventuras de adolescência às escapadinhas de férias, quando tinham 20 anos, dos vários empregos a tempo parcial ao longo do tempo aos momentos mais embaraçosos de sempre.

— O meu é um pavor. — Sam estremeceu só de se lembrar. — Perguntei a uma cliente para quando era o bebé, e ela respondeu: «Não estou grávida, estou apenas gorda.»

— Está bem, mas eu tenho pior. Um tipo levou a filhota ao café onde eu trabalhava, e perguntei: «Oh, o papá vai comprar-te um gelado?» A pequenita fez um ar confuso e a pessoa que a acompanhava disse: «Eu sou a mãe dela.»

Sam quase se engasgava com a bebida.

— *Credo.*

— Pois é! Mas... cabelo curto, sem pintura, calças de ganga e camisola polar... em minha defesa, até havia uma sombra de bigode.

— O que é que fizeste?

Clemency mexeu a mão.

— A coisa óbvia. Pedi imensa desculpa e disse-lhes que era ceguinha. Depois servi café e gelado, a fingir que contava as moedas por palpação. Elas ficaram meia hora sentadas no café, e tive de fazer de ceguinha

o tempo todo... Pronto, já podes parar de rir, na altura não teve graça nenhuma. Eu tinha 18 anos e fiquei mortificada.

Ouviu-se a voz do comandante pelos altifalantes.

— Senhores passageiros, por favor, apertem os cintos de segurança... Vamos começar a descida.

Pela primeira vez na vida, Clemency desejou que um voo pudesse demorar mais tempo. Ora, também tinha esperança de aquela não ser a última vez que via aquele companheiro de viagem em particular. Assim que o avião aterrasse, Sam iria para Londres e ela voltaria a Northampton; não era uma situação ideal, mas também não era completamente ridícula. Quando duas pessoas gostam uma da outra, pode ser preciso incluir deslocções na equação. De Northampton ao norte de Londres eram só... quê, cem quilómetros? A coisa fazia-se.

Clemency apercebeu-se de que, na sua imaginação, já os via a fazer a viagem de carro para se encontrarem, ou a apanharem comboio, a excitação de se reverem a compensar muito bem a ligeira inconveniência da deslocação. Sabe-se lá, talvez as coisas avançassem a bom ritmo, até podia fazer sentido que ela saísse de Northampton e arranjasse emprego em Londres... a menos que Sam quisesse sair da capital para estar com ela...

Pronto, mais parecia ter voltado à adolescência, a garatujar o nome e o apelido do namorado nos livros da escola, para ver como ficava quando se casassem. Embora ela nem sequer soubesse o apelido de Sam, e não lhe pudesse perguntar, não fosse ele querer saber porquê. Ah, mas, assim que fossem buscar a bagagem, ela iria dar-lhe um cartão de visita, na esperança de que ele retribuísse o gesto.

Aterraram em segurança — era sempre um bónus —, passaram pelo controlo de passaportes e ficaram à espera de ver a bagagem aparecer no tapete rolante. A mala de Clemency foi uma das primeiras a sair e ela carregou-a, aliviada.

— Pronto, não saias daqui, volto já. — Depois de abrir e de remexer na mala, tirou um top às riscas vermelhas e acenou com ele para Sam. — Há uma casa de banho ao fundo do corredor. Vou lá mudar de roupa para te devolver a camisola. Ah, e fica com isto também. — Como se fosse um gesto inesperado, passou-lhe um cartão de visita que estava num bolso lateral da mala de viagem. — Pronto, não demoro nada.



Nisto, e porque Sam olhava para ela fixamente e não para o tapete rolante, ela acrescentou:

— Vê lá, não deixes passar a tua mala!

Na casa de banho das senhoras, havia fila para os compartimentos. Finalmente, chegou a vez dela. Clemency despiu a camisola e enfiou o top, e cheirou a primeira uma última vez, para não se esquecer do perfume. Mesmo na esperança de o cheirar outra vez logo, logo, talvez quando se despedissem daí a minutos, e ele lhe desse um beijo na cara.

Ou nos lábios...

*Pronto, lá estás tu outra vez. Sossega, mulher!* Clemency pegou nas malas, empurrou-as para fora do compartimento e preparou-se para voltar ao tapete rolante. Oh, e se Sam dissesse baixinho: «Não estou pronto para me despedir. Posso convidar-te para jantar?»

E depois disso: «Agora é que não estou mesmo nada pronto para me despedir. Tens mesmo de voltar esta noite para Northampton, ou posso convencer-te a ficar?»

Podia? Era essa a questão. Clemency sentia-se tremer de expectativa; conseguia imaginar com toda a clareza o rosto de Sam e ouvir-lhe a voz a fazer esse convite.

Oh, mas a quem é que ela tentava enganar? Claro que ficaria. Tê-lo conhecido no voo daquele dia dera-lhe a sensação de ser um daqueles acontecimentos definidores e que mudam vidas.

Se Sam lhe pedisse para passar a noite com ele, nem por sombras ela diria que não.

Porém, quando chegou ao tapete rolante, não viu Sam em parte alguma.

Era inesperado, mas ela deduziu que ele teria ido à casa de banho antes da viagem para casa.

Depois de ficar a uma distância discreta durante alguns minutos, Clemency foi mesmo às casas de banho dos homens, empurrou a porta e chamou:

— Estás aí dentro, Sam?

Silêncio. Até um homem bradar:

— Pois, fofa, sou eu, o Sam. Não podias vir aqui dar-me uma mãozinha? Ah! Ah! Ah!...

Ela deixou a porta bater. De súbito, a fantasia quase a realizar-se parecia desviar-se da rota como um carro desgovernado. Como é que Sam podia ter desaparecido?

De coração descompassado, Clemency passou pela alfândega. Continuava sem o ver. Saiu para o átrio das chegadas, procurou naquele mar de rostos, mas em vão. Procurou no telemóvel à pressa, a ver se ele lhe teria enviado uma SMS, mas não. Nada.

O que se estaria a passar? Aquilo não tinha sentido nenhum.

Saiu pelas portas giratórias, porque onde mais o podia procurar num aeroporto enorme? Se ele tivesse lá deixado o carro, e se fosse para um dos parques de estacionamento, ela jamais o encontraria, mas se fosse apanhar um táxi...

Mas porque é que ela fazia aquilo, para começar? Dera-lhe o cartão de visita — se ele quisesse contactá-la, tinha o número dela. Era só uma coisa completamente inesperada. Tirando tudo o resto, ela ainda tinha a camisola azul-escura dele. Não era uma camisola qualquer; aquilo era caxemira.

Segundos depois, avistou-o. Estava de costas, mas era ele, de certeza. A sentir-se como se levasse um murro no estômago, Clemency arrastou as malas até ficar ao lado dele, que aguardava numa longa fila para o táxi, a olhar em frente, o queixo visivelmente retesado.

Porquê? *Porquê?*

Uma coisa era certa: ela não iria perguntar.

— Aqui está a tua camisola. — Ela segurou-a diante dele. — Obrigada por ma emprestares.

Por uma fração de segundo, ela viu sofrimento e culpa no olhar dele. Depois pegou na camisola e abanou a cabeça lentamente.

— Tenho mesmo muita pena.

Evidentemente, era o fim da linha para eles; a ligação tinha sido divertida, mas fugaz. Agora acabara, o mais breve namoro de férias de sempre.

Clemency disse:

— Eu também. — E virou costas.

Ele apanhou-a 20 segundos depois, a mão a tocar-lhe no braço para a deter.

— Pronto, tenho de me explicar. — Ele parecia... em agonia. Não havia outra palavra.

— Não é preciso. Não é difícil. Calculo que tenhas namorada ou noiva.  
— Ele não usava aliança, mas ela acrescentou: — Ou mulher.

— Tenho. — Sam assentiu.

— Namorada?

Ele exalou e disse em tom neutro:

— Mulher.

Ah. Pois.

— E esqueceste-te de falar nisso. Não é que haja motivo para falar — acrescentou Clemency. O que é que eles tinham feito, afinal, além de passar um voo inteiro sentados ao lado um do outro, a passar um tempo que, de outro modo, seria aborrecido?

Só que ambos sabiam que tinha sido mais do que isso, muito mais.

— Não me esqueci. — Sam hesitou, à procura das palavras certas. — Eu... não quis pensar nisso.

Como milhares de homens casados pelo mundo fora. Mulheres também. Não era que tivessem cometido algum crime hediondo. Quando muito, Clemency invejava-lhe a esposa, por se ter casado com um marido que tinha escrúpulos e consciência para não pisar o risco.

*A sortuda.*

— Enfim, gostei de te conhecer na mesma. — Uma coisa era ficar desapontada, outra era ficar zangada. Acrescentou, num impulso: — Olhaste para o meu cartão de visita?

— Não. — Ele abanou a cabeça e era evidente que dizia a verdade.  
— Não olhei.

*Ótimo.*

— Pronto, isto vai parecer esquisito, mas podes devolver-mo? — Ela sentiu-se corar. — É que eu... tenho poucos.

A verdadeira razão era não querer passar as próximas semanas a pensar que ele poderia, contra todas as probabilidades, contactá-la. Seria muito mais simples retirar essa possibilidade da equação.

— Desculpa, não o tenho. Está no caixote ao lado do quiosque dos jornais, nas Chegadas. Se quiseres, posso ir lá buscá-lo...

Claro que ele deitara fora o cartão; porque é que ficaria com ele? A mulher ainda o encontrava e perguntaria o que andara ele a fazer. *Credo, por segundos, ele esqueceu-se de que tinha mulher.*

— Não tem importância. — Clemency olhou bem para ele, fixou cada pormenor daquela cara pela última vez. Com um breve sorriso, porque agora ia-se mesmo embora, acrescentou: — Não estou assim tão mal.

— Quem me dera que as coisas fossem diferentes. — Sam estendeu a mão para a dela, antes de a recolher como se ela fosse radioativa.

Desejosa de ter ficado com a camisola boa, Clemency retorquiu secamente:

— Mas não são.

# Capítulo 3

## *Três anos depois*

**A** sério, havia lá coisa melhor do que voltar ao escritório ao fim de um longo dia e descobrir um lugar de estacionamento mesmo à porta?

Bem, provavelmente *não* havia nada melhor, mas agora Clemency já não sabia, porque acabara de perder o cobiçado lugar. Ronan ganhara-lhe por segundos e estacionara de marcha-atrás; saindo do *Audi* a sorrir-lhe.

— Muito lenta, Clem. Quem anda a dormir não come!

Como se ela tivesse tempo de dormir. Clemency abanou a cabeça pesadamente e retorquiu:

— Se fosses cavalheiro, deixavas-me ficar com o lugar.

— E se me oferecesse para te ajudar, chamavas-me porco machista. Como quando tinhas um pneu furado e me ofereci para o mudar, lembraste?

— Isso foi porque achaste que eu não conseguia.

— Achei e estava enganado. Tu és perita a mudar pneus. — Ronan fez um sorriso maior e fez as chaves tilintar. — Mas daqui não saio, daqui ninguém me tira.

— Nesse caso — disse Clemency —, pagas tu os gelados.

Ela subiu a estrada sinuosa da ladeira até ao parque de estacionamento apinhado, enfiou o carro num espacinho, entre uma caravana roxa e um *Volvo* preto cheio de pó, e desceu a ladeira a pé para o escritório.

A imobiliária foi fundada por Gavin Barton 20 anos antes. Há sete, ele tinha caçado Ronan Byrne para vendedor-maravilha, e quatro anos depois ficaram sócios. Gavin já tinha 50 e muitos e preferia aplicar o tempo que tinha no golfe. Ronan, de 31 anos, era o sócio enérgico que adorava vender propriedades e que estava preparado para trabalhar as horas necessárias para manter a empresa em crescimento.

Dois anos antes, tinham dito adeus a um vendedor júnior, que cedo percebera que aquilo não era para ele, e preparavam-se para pôr um anúncio, quando Clemency estava de visita à terrinha de St. Carys, para passar um fim de semana prolongado e ver a mãe.

— Sabias que o Gavin e o Ronan estão à procura de outro mediador? — Lizzie, a mãe dela, falara nisso por alto, na primeira noite que Clemency lá passara.

— Ouve, há uma vaga na empresa do Gav — disse Baz, o padrasto de Clemency, quando jantou com elas duas horas mais tarde. — Achei que terias jeito.

— Mas eu tenho emprego — lembrou Clemency. — Em Northampton, e gosto de vender carros.

— Gostas de vender — salientou Baz. — As casas são exatamente o mesmo que os carros, só que não têm rodas.

Na tarde seguinte, ela encontrou Ronan Byrne na Pousada da Sereia. Quando cumprimentou com um abraço — *hum, músculos* —, ele perguntou:

— Já sabes que estamos à procura de alguém para o lugar do Hugo?

— Já ouvi dizer — respondeu Clemency. — Antes de me perguntares, estou bem onde estou.

— Ora ainda bem, porque não ia perguntar-te nada. — Os olhos dele brilhavam, divertidos. — Acho que não te aguentarias, seja como for.

Clemency mordeu o isco.

— Eu aguento-me naquilo que quiser. Se consigo vender um carro, também consigo vender uma casa. Na semana passada, vendi um *Lamborghini*.

— Sem ofensa. — Ronan falava em tom de descaso. — Mas vender imóveis custa mais do que parece.

Uma semana depois, Gavin ligou-lhe a dizer que o emprego era dela. Clemency disse:

— Fantástico! Não achava que me quisessem, com o Ronan a dizer que eu não me aguentaria. Tens a certeza de que ele não se importa de trabalhar comigo?

Gavin, a rir-se ao telefone, retorquiu:

— Minha querida, a ideia foi do Ronan. Eu disse-lhe que, provavelmente, não te interessava e ele garantiu-me que tratava de tudo.

Não tinha sido preciso mais do que lançar o isco. Ela caíra que nem um pato, tinha sido levada por um profissional. Não era que Clemency se ralasse; quando uma amiga da mãe lhe propusera o emprego em Northampton, sentira-se lisonjeada e encantada por aceitar, mas, após quatro anos, era cada vez mais difícil resistir à atração da Cornualha. Sendo a única vendedora da equipa, num concessionário enorme que vendia carros topo de gama, adorava o emprego, mas ia ficando cada vez mais cansada da conversa infundável sobre desporto, equipas de futebol a fingir, mais desporto e *World of Warcraft*. Além disso, estando sem namorado na altura, não havia razão para ficar em Northampton, e o trabalho de mediadora imobiliária podia ser um desafio interessante.

E, assim, tal como tanta gente que crescera perto do mar, Clemency dera consigo a aceitar a ideia de que queria voltar a St. Carys, na Cornualha, um dos destinos de férias mais bonitos do Sudoeste. Revelou-se a melhor decisão que podia ter tomado. A mãe e Baz tentaram convencê-la a voltar ao seu antigo quarto na Casa Polrennick, mas ela preferira arrendar um pequeno apartamento, só com um quarto, por cima de uma tabacaria. Era pequeno demais para arrendar a veraneantes, e também ruidoso pela manhã, porque Meryl, a dona da loja de baixo, gostava de fazer barulho e cantarolar a plenos pulmões enquanto organizava os jornais e preparava o dia. Ora, o apartamento era engraçado e acolhedor, e bastava debruçar-se da janela da sala para ver um bocadinho de mar.

— Está tudo bem, ela já cá chegou — anunciou Ronan quando Clemency empurrou a porta da imobiliária. — Acabou o pânico.

Falava com a mãe, Josephine, que revirou os olhos.

— Eu não estava em pânico, só não queria que comesses os pãezinhos todos antes de a Clem aparecer. Olá, minha linda, como estás? — Josephine deu um abraço caloroso a Clemency. — Porque nós sabemos bem como ele é, não sabemos? Não me surpreendia nada. Já comeu cinco.

— Tens de os guardar com a própria vida. Estás a ouvir este barulho? — Clemency tinha a barriga a dar horas. — Estou com muita fome. Juro que já me cheirava a comida quando descí a ladeira. Josephine, o que faríamos sem ti? És um anjo. MUITÍSSIMO obrigada.

Quando ela começara a trabalhar na imobiliária, Clemency pensara que a melhor qualidade de Ronan Byrne era a completa falta de interesse por futebol e pelo *World of Warcraft*. Só demorara duas semanas a perceber que a melhor qualidade dele era a sua mãe. Bem, a mãe e o seu hábito de aparecer com cestos de comida caseira. Nascida em Barbados, Josephine chegara a Inglaterra ainda adolescente e agora tinha um concorrido restaurante caribenho em Newquay. Era uma belíssima cozinheira e mãe extremosa do seu único filho. A ideia de que ele acabaria por definhar se não lhe levasse regularmente comida era coisa que Ronan encorajava sem pingo de vergonha, e adorava os cozinhados da mãe e sabia o quanto ela adorava dar-lhe de comer. Naquele dia, eram os famosos pãezinhos de carne de frango seca da Josephine, servidos com maionese de lima picante.

Clemency deu uma dentada e fez de conta que desmaiava, porque o pãozinho, leve como o ar, com aquele recheio de frango e molho de churrasco era, simplesmente, sublime. Deitou maionese no resto do pãozinho e abanou a cabeça.

— O melhor de sempre.

Josephine brilhava de orgulho e deu-lhe palmadinhas no braço.

— Tu dizes sempre isso.

— Porque é sempre verdade.

— Ele tem-se portado bem? — Josephine apontou com a cabeça para o filho.

— Sempre — atalhou Ronan antes que Clemency respondesse.

Ainda voltada para Clemency, Josephine perguntou:

— E já conheceu alguém?



— Mãe, prometo-te. Quando acontecer, serás a primeira a saber. Coitada da Josephine, ansiosa por que Ronan assentasse.

— Tens de te esforçar — dizia ela. — Encontrar uma rapariga simpática, pôr-lhe aliança no dedo, ter bebés lindos... Não te rias de mim, Ronan, estou a falar a sério. — O sotaque de Barbados tornava-se mais pronunciado com a intensidade da sua súplica. — És um rapaz bem-parecido, tens uma boa personalidade, podes ter a rapariga que quiseres!

— Eu sei. — Ronan sorriu. — Não é ótimo?

— Mas já não vais para novo — salientou Josephine. — Tens 31 anos. Suponhamos que deixas de ser bonito? Deixa passar muito tempo e podes arrepender-te amargamente, ouve o que te digo. Como o tio Maurice... Assim que fez 30, perdeu tudo! Caiu-lhe o cabelo, ganhou duplo queixo, as raparigas bonitas já não lhe ligavam nenhuma. Não queres acabar como o tio Maurice, pois não?

Ronan declarou:

— Agora fiquei tão deprimido que tenho de comer outro pãozinho.

Josephine sorriu e abanou a cabeça para Clemency.

— Diz-lhe que tem de dar ouvidos à mãe. Pronto, tenho de me ir embora. Até breve, aos dois. Não te esqueças. — Tocou no peito do filho com um dedo de censura. — Tenho 17 sobrinhos. Não morres se me deres um neto.

Ela deu um beijo aos dois e saiu do escritório num torvelinho fúchsia. Momentos depois, ouviram a buzina do carro e os pneus a chiar quando ela arrancou.

— Ouve só — comentou Ronan. — Vai apanhar outra multa por excesso de velocidade, e, desta vez, não vai safar-se só com falinhas mansas. Clemency comeu outro pãozinho.

— Adoro a tua mãe.

— Não é nada má — disse Ronan. — Escolhi bem.

— Em rigor, ela é que te escolheu a ti.

Ronan brindou Clemency com o seu olhar à matador.

— Ah, mas só porque eu quis.

Trabalharam juntos, cada qual na sua secretária, e despacharam a papelada do dia. Às 17h30, fecharam o escritório e foram ao Café do Paddy. Há muito que era rotina; a menos que tivessem de mostrar casas ou

outros compromissos inadiáveis, iam ao café tomar um copo e um gelado antes de seguirem para suas casas. O café pertencia a dois irmãos, Paddy e Dee, e ficava no cais, com uma esplanada à frente e uma vista desimpedida para a praia e para os barcos e o mar azul-turquesa que cintilava além do paredão.

O Café do Paddy era concorrido de dia, mas aquela era a altura mais sossegada, quando os veraneantes começavam a sair da praia e a pensar no jantar. Depois de se sentarem numa das cobiçadas mesas na fila da frente, Clemency acenou para Marina, ocupada com as obras de arte, que vendia no seu próprio cantinho da esplanada.

— Pronto — disse Ronan a sacar da carteira. — Pago eu. O que é que te apetece?

— Gelado de pavlova de framboesa e um *cappuccino* — respondeu Clemency. — Se faz favor.

Ele foi ao balcão para ser atendido por Dee. Clemency recostou-se a ver Marina, no cavalete, a encaixar com mestria uma família de quatro numa pintura da praia além do paredão. A família estava sentada à frente dela, a sorrir e a exhibir o escaldão. Marina, que terminaria o cenário de praia a seu tempo, conseguia pintar as personagens em minutos, ou seja, nem as crianças tinham tempo de se aborrecer. Ela empregava um misto de lápis, aguarelas e canetas de feltro, pelo que nem havia tempo de secagem. Em menos de um quarto de hora, uma família podia encomendar e receber uma obra de arte, com personagens reconhecíveis, e envergando as suas próprias roupas.

Clemency ouviu a família comentar que era de Leeds. Falavam com Marina da alegria da descoberta de St. Carys e perguntavam se ela sempre vivera na Cornualha. Marina abanou a cabeça.

— Não, eu sou de Oxford, mas vínhamos sempre de férias para cá, quando era pequena. Eu adorava. Aqui há uns anos, o meu marido decidiu-se pelo divórcio. Pareceu-me boa ideia afastar-me e decidi que o sítio onde mais gostaria de viver era St. Carys. — Ela sorriu para a família. — Foi decididamente a melhor decisão que podia ter tomado. Nunca me senti tão feliz.

— Então o marido fez-lhe um favor — comentou a mulher, rindo-se. — Esse divórcio revelou-se positivo.

— Oh, completamente. — Marina assentiu.

— É melhor teres atenção. — A mulher deu ao marido uma cotovelada bem-disposta. — Não vá eu ficar com ideias.

Ao ver que Clemency os observava, Marina piscou-lhe o olho e continuou a trabalhar. Como sempre, aligeirava a situação; a história completa do divórcio estava longe de ter graça, tinha sido traumatizante. Porém, os visitantes não precisavam de ouvir essa parte quando lhes era pintado o retrato. Estavam de férias, ou seja, diversão e escapismo na ordem do dia.

O telemóvel de Clemency tocou. Quando o nome apareceu no ecrã, sentiu-se tentada a deixar seguir para correio de voz.

Só que Belle saberia que era de propósito.

*Pronto, vamos ser simpáticas uma com a outra, como adultas.*

— Estou, Belle! Como estás?

— Bem, obrigada. Como é que estás para amanhã?

— Hum... Amanhã, trabalho. Porquê?

— Eu sei que trabalhas. Pergunto como estás para nos mostrares umas propriedades boas. Estamos a falar de luxo, ótimos acabamentos, vista de mar, algo muito especial.

— Estamos? — Clemency ergueu o sobrolho. — É para ti?

— Para o meu namorado. Quer comprar uma casa de férias e vamos de avião amanhã de manhã. Se estiveres ocupada, não faz mal, posso ligar para a Rossiter. Só achei que seria simpático dar-te hipótese de uma boa venda. Se tiveres alguma coisa de jeito, claro está!

— De certeza que arranjam qualquer coisa. — *Estão a ver? Aqui está a dificuldade de tratar a Belle como uma adulta normal.* — Onde é que ele quer comprar?

— Na Cornualha. Fazemos assim, mandas-me por e-mail...

— Mando por e-mail os pormenores do que me parecer adequado e depois dizes quais são as que ele quer ver. Quanto tempo cá ficas? Só amanhã?

— Amanhã e sábado de manhã, o nosso voo de regresso é à tarde. Ele quer encontrar alguma coisa e tratar de tudo. É esse tipo de pessoa — respondeu Belle, com orgulho na voz. — Não gosta de empatar. Quando acerta, já está.

— Percebo, é uma pessoa decidida — disse Clemency. — Ótimo, decidido é bom. Gosto disso num cliente.

Desde que comprasse uma das suas propriedades.

— Espera só até o veres. — Belle não se podia conter e acrescentou: — A sério, vais ficar cheia de inveja.

Clemency duvidava. Belle sempre tivera tendência para namorar com tipos exibicionistas, de colégios privados, que adoravam gabar-se da riqueza da família. Para ser diplomática, retorquiui:

— Quem quiser gastar montes de dinheiro numa propriedade, está muito bem para mim.

— Pronto, manda-me o que tiveres, que eu depois digo alguma coisa. Aliás, também vou ver o que a Rossiter tem a propor. Mais vale.

— Seria tolice não o fazeres — retorquiui Clemency, porque nunca se falava mal de agências rivais, por mais vontade que houvesse. — Pronto, vou deitar mãos à obra.

— Como está o Ronan? Vai estar por aí? — Belle lançou a pergunta num tom propositadamente descontraído.

— Não sei bem. Possivelmente. Está aqui ao meu lado. — Clemency sorriu, porque Ronan voltara para a mesa. — Queres dizer olá?

— Não é preciso. Talvez amanhã. Pronto, tenho de me despachar... montes que fazer... Adeusinho!

E, pronto, chamada desligada. Belle adorava ser a primeira a terminar uma chamada; gostava de sentir que ficava em vantagem.

## Capítulo 4

— **D**eixa-me adivinhar — disse Ronan. — Era a Belle.  
— Vem cá amanhã. De avião — acrescentou Clemency, para que ele soubesse que deviam ficar ambos devidamente impressionados. — Com um namorado novo e fabuloso. Conto que queira fazer-te ciúmes.

Quando ele chegara a St. Carys, Belle apaixonara-se por Ronan — quisera *muito* conhecê-lo melhor. O seu interesse nele até podia não ter sido correspondido, mas dera a Clemency horas de entretenimento infundáveis.

— Hum. Bem, se ela arranjou namorado, devo ficar a salvo. — Ronan apontou para os apontamentos que ela tirara num guardanapo de papel. — O que é que ele quer?

Ela contou-lhe e, entre os dois, começaram a esboçar uma lista de propriedades com potencial para o novo namorado rico de Belle. Clemency comeu o gelado, e no fim molhou o bico do cone no *cappuccino*, porque sabia que enfurecia Ronan. Ele abanou a cabeça, incrédulo.

— És um nojo.

Clemency sorriu e mordeu a ponta empapada do cone.

— Pois sou.

A família de veraneantes saiu do café com o retrato terminado, e Marina guardou o cavalete e o material. Parou na mesa de Clemency e Ronan e ralhou, bem-disposta.

— Ainda estão a trabalhar? Cuidado, não tenham um esgotamento.

— Diz a mulher que nunca abranda — comentou Clemency. — Quantos vendeste hoje?

— Nove. Correu bem. — Marina aliviou o peso do saco que tinha ao ombro. — Mas não parece trabalho quando nos divertimos, pois não?

Ronan apontou para a família que já se afastava pela praia fora.

— Pareciam mesmo contentes com a pintura.

— Eu sei. Continua a ser empolgante. — Marina sorriu-lhe. — Também eram muito simpáticos.

— E o que fazes esta noite? — perguntou Clemency. — Alguma coisa boa?

— Oh, muito boa! O coitado do Alf está a convalescer da pneumonia. Portanto, vou levar o *Boo* a passear. Depois disso, vou tomar conta do Ben e da Amy. — Marina abriu as mãos. — Não podia ser melhor, pois não?

— Pareces a Supermulher — disse Ronan.

Clemency sorriu, porque era verdade. Alf era vizinho de Marina, tinha 86 anos. Ben e Amy eram gémeos hiperativos, tinham três anos e moravam com os pais exaustos numa casinha caiada em frente à de Marina, na Harris Street. Ali no café, sempre que Paddy e Dee precisavam de ajuda, Marina era a primeira a oferecer-se. Em suma, sempre que alguém precisasse de boleia, de um favor ou de uma ajudinha no jardim, ela não se importava nada. Nos cinco anos desde que se mudara para St. Carys, ganhara um lugar no coração da comunidade, e o seu afeto pela terrinha e pelos seus habitantes era retribuído em género, número e grau.

— Ora, como é que havia de me entreter? — Marina tornou a atar a fita azul-turquesa que lhe afastava da cara os caracóis pintados com hena avermelhada. — Sentava-me, sem fazer nada? Seja como for, não faço mais do que me apetece. Se alguém precisar de ajuda, é bom poder oferecê-la.

— Mas também se pode ser boazinha demais. — Ronan abanou a cabeça. — Não deixes que se aproveitem de ti.

— Não te aflijas, que não sou completamente parvinha. — Os olhos ambarinos cintilavam. — Agora sei avaliar melhor o carácter das pessoas, graças a Deus!

Acenou e saiu do café. Momentos depois, viram-na cumprimentar um dos hoteleiros locais, antes de se agachar para fazer festas ao seu cão irrequieto que não parava de dar à cauda.

— Provavelmente está a oferecer-se para tricotar uma camisola ao cão — observou Ronan.

— A sério, porque é as coisas más só acontecem aos bons? O que é feito do carma?

— Se calhar, ela não é boa. Se calhar, é agente secreta, uma assassina sinistra disfarçada de artista amorosa.

Clemency abanou a cabeça.

— Credo, o marido deve ser cá um sacana, para ter feito o que fez!

Na manhã seguinte, Clemency ficou no carro, à porta da primeira das três propriedades de cuja visita tratara a pedido de Belle e do namorado novo.

Tinha esperança de que ele não fosse picuinhas como Belle, que já enviara mensagem a anunciar ter visto uma das outras propriedades selecionadas no *Google Earth*, e nem por sombras quereriam vê-la, porque quem é que, no seu juízo perfeito, queria morar em frente a uma casa de apostas?

Quando, aliás, muita gente acharia dar imenso jeito.

Enfim, talvez o tipo fosse viciado no jogo e ela só quisesse protegê-lo.

Clemency viu as horas; já passavam dez minutos das onze. Quando ligara a Belle antes, a explicar que só podiam começar às onze porque ela tinha outro cliente às dez, Belle suspirara e perguntara: «Não podes cancelar?»

Agora presumia-se que a castigava, por não ter cancelado. Clemency abriu o porta-luvas, mexeu no local secreto dos rebuçados de limão e levou um à boca. Regra geral, era como a Lei de Murphy, punha um na boca e os clientes apareciam logo.

Sim senhora, certinho e direitinho. Menos de 20 segundos depois, apareceu um *Lexus* preto à frente dela, e lá estava Belle, a acenar-lhe ao lado do condutor.

Clemency sorriu, mau grado seu, pôs a mão no ar e deu uma dentada no rebuçado de limão; ditava a experiência que era possível trincar

a parte dura em pedacinhos e engolir em menos de 20 segundos. Mas dado que o podia fazer enquanto cumprimentava Belle, não valia a pena esperar no carro.

O *Lexus* já estava eficientemente estacionado. Abriram-se as duas portas. Belle saiu primeiro, com um vestido branco comprido e leve, de alças fininhas, que podia muito bem ser uma maneira subliminar de sugerir ao namorado que daria uma noiva espampanante. Com os braços finos e bronzeados estendidos, avançou para Clemency.

— É a minha maninha! — exclamou. — Anda cá, ó tu!

Não era sempre assim: nunca se sabia como Belle a receberia. Trazia a depender de quem estivesse a ver.

Clemency fechou a porta do seu carro e avançou para o abraço cinematográfico que a esperava, enquanto esmagava o rebuçado de limão com os dentes. Belle agarrou-a pelos cotovelos e comentou:

— Ena, estás mesmo *bem*!

Era a maneira de ela dizer *gorda*.

Felizmente, Clemency sabia que não era gorda; era normal. Ao passo que Belle era a que apontava para fotografias de supermodelos e dizia que estavam cheiinhas.

Abraçaram-se e Clemency inalou o perfume caro que a irmã emprestada usava sempre. Olhou por cima do ombro de Belle para o namorado novo, quando ele tirava os óculos de sol.

Recheio de limão e pedacinhos de casca colidiram com uma golfada de ar inalado e Clemency teve um daqueles ataques convulsivos de tosse que não se consegue aguentar. Antes de ter hipótese de virar a cabeça, já havia pedaços de limão e pingos de saliva limonada no peito de Belle.

— Argh, tu és *um nojo*!

— Desculpa, desculpa, não consegui...

— Mas ninguém te ensinou a tapar a boca? — guinchou Belle.

— Tu agarraste-me pelos cotovelos! — balbuciou Clemency, a procurar desesperadamente na mala por um lenço, sem conseguir olhar para namorado de Belle, que era o Sam. Oh, Deus, era ele, era mesmo *ele*. Clemency começou a tossir outra vez a sério, recuou e levou as duas mãos à boca, aos olhos chorosos, a toda a cara...

— Olha só para o meu vestido — gemeu Belle. — Pareces um animal!



Porém, Clemency nem a ouvia; era como se a irmã emprestada palrasse de dentro de uma caixa, enquanto em cima da caixa estava um pregoeiro público, com um megafone gigantesco a berrar: «É o Sam, É O SAM, É O SAM!»

— Desculpa, não foi de propósito. — Depois de encontrar um lenço, Clemency secou os olhos. — De certeza que o podemos lavar e fica bom.

Da última vez que vira Sam, conseguira entornar vinho em cima de si. Tossir e cuspir reбуçado para cima de alguém era, bem vistas as coisas, provavelmente pior.

Mesmo que esse alguém fosse Belle.

Finalmente, arriscou olhar para ele e viu que parecia igualmente abalado com a situação.

— É bom que fique. — Belle continuava com ar de completa repugnância. — Comprei este vestido na semana passada. Enfim, já devia estar habituada.

Como se levar com comida cusvida pela irmã emprestada acontecesse com uma regularidade entediante.

— Enfim. Desculpa lá outra vez — disse Clemency.

— Está *bem*. — Belle abanou a cabeça, resignada. — Pronto, já cá estamos. Sam, esta é a Clem. Clem, este é o Sam Adams.

Sam olhava diretamente para ela. Clemency olhava para ele. Era o momento em que um deles tinha de sorrir e dizer: «Já nos conhecemos.» Depois podiam explicar que tinham ficado sentados ao lado um do outro num avião, maravilhar-se com a coincidência e passar à visita, sem esforço.

Não era preciso acontecer mais nada.

O momento suspendeu-se no ar entre eles, um segundo, e passou. Era tarde demais para dizer. Sam estendeu a mão.

— Olá.

Clemency apertou-lha e deu consigo a dizer:

— Olá.

Como dois estranhos que se encontrassem pela primeira vez.

— Então. — Sam assentiu ligeiramente. — Vamos ver o apartamento?

— Com certeza. — Clemency aproveitou a deixa e acenou com as chaves na mão. — Vamos a isso. Vamos ver se encontramos o sítio perfeito.

Para não ficar de fora, Belle afirmou:

— Além disso, vamos ver se consigo lavar esta porcaria da frente do meu vestido.

O apartamento no segundo andar estava decorado em tons pálidos de verde e azul, como o mar. Era despojado e moderno, com uma cozinha enorme e dois quartos de boas dimensões. Quando Belle desapareceu na casa de banho branca e prateada, para lavar as nódoas de reбуçado pegajoso do vestido, deixou a porta escancarada, e não havia oportunidade para uma conversa profunda e particular.

Porém, enquanto as torneiras corriam, Clemency murmurou:

— Então já não és casado.

Sam nem sequer olhou para ela; olhava pela janela. Em voz baixa também, respondeu:

— É evidente que não.

— Quando ela te contou que tinha uma irmã chamada Clemency, não te ocorreu que podia ser eu?

Ele abanou a cabeça.

— Ela não disse como te chamavas. Eu não sabia.

As torneiras pararam de correr e, em segundos, Belle foi ter com eles, a secar o tecido molhado do vestido com uma toalha branca.

— Já saiu.

— Ótimo — disse Sam. — Acabou o pânico.

Ela fez um gesto abrangente.

— Qual é o veredito para este sítio?

Ele encolheu os ombros.

— É ótimo, mas não diria que foi... sabes...

— Amor à primeira vista? — alvitrou Belle, o que sobressaltou Clemency. Sam não perdeu a deixa.

— Qualquer coisa assim. — Inclinou a cabeça para concordar. — E estamos em Penzance. Deslumbrante, claro, mas um pouco longe do aeroporto. Pronto, vamos riscar este da lista. E a seguir?

— A casinha em Perranporth — respondeu Clemency. — Hum, tens uma joaninha na camisa... — A tentação de estender a mão e de a sacudir era quase esmagadora.

Antes que ela avançasse, felizmente, Belle enxotou o inseto e pousou brevemente a palma da mão no peito de Sam, a sorrir-lhe.

— Então, vá.

A casinha em Perranporth, a 40 minutos de Penzance, era pitoresca e ficava numa colina íngreme.

— Ora esta já é diferente — disse Sam. — Agrada-me, mas vejo um problema.

— Eu sei. Estacionamento — disse Clemency. — Eu avisei.

— Referia-me àquilo. — Apontou para um bando de turistas lá fora, a tirarem várias fotografias à casinha, a chegarem-se à janela da sala e a espreitarem para dentro. A mãe do grupo, numa t-shirt roxa justíssima com a fotografia de Barry Manilow à frente, escudou os olhos do sol e esborrachou o nariz contra a vidraça. Ao ver Clemency, anunciou alegremente:

— Vejam só, há gente lá dentro, estou a vê-los! Olé!

— Está a *acenar* para nós. — Belle encolheu-se, horrorizada.

— Podes mandar instalar cortinas de rede. — Clemency tentava não se rir. — Se fores pessoa de cortinas de rede.

Secamente, Sam retorquiu:

— Provavelmente não sou.

Clemency sentiu um friozinho no estômago, porque ele olhava para ela daquela maneira de que ela se lembrava nitidamente, três anos antes; o olhar que ela — para grande tormento seu — nunca conseguira esquecer.

Porque, às vezes, não importa a insistência com que se prime o botão para apagar, a coisa que se tenta tirar da cabeça recusa-se simplesmente a desaparecer.

*O amor está no ar na pequena cidade  
costeira de St. Cans, na Cornualha.  
Mas ninguém o diria...*

Clemency não está à procura de romance quando conhece Sam durante um voo de regresso a casa. Mas a química entre os dois é palpável. Quando aterram, Sam revela-lhe que é impossível ficarem juntos. Clemency fica magoada e nunca mais esquece aquele encontro mágico. Até que, três anos depois, Sam volta a entrar na sua vida... como namorado de outra pessoa.

Ronan é um homem sedutor capaz de encantar qualquer mulher. Mas, no que toca a conquistar a mulher de quem gosta, o seu charme é inútil. Pela primeira vez, Ronan terá de se esforçar para conseguir o que deseja.

Belle sempre quis uma vida perfeita. Namorados endinheirados, luxo e roupa dispendiosa foram sempre os seus objetivos. Mas agora que tem tudo na mão, há um segredo que esconde dos outros e até de si própria. Terá ela coragem para admiti-lo, destruindo a vida que idealizou?

**Num puzzle de personagens  
únicas e cenários idílicos, esta é  
uma história sobre as vontades  
do coração, que, através de  
encontros e desencontros,  
descobre sempre o seu caminho.**



*Leia também:*



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-96-6



9 789898 917966

Ficção Romântica

